



**XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

“CABEÇA LEGAL, RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS”

Maria Clara Toledo Lopes¹; Sinara de Lima Souza²; Jaciele de Souza dos Santos³

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/ICJr, Ensino Médio, Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, e-mail:

claratoledo.lopes@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sinarals@uefs.br

3. Enfermeira, Doutoranda em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

jacisdossantos@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: saúde mental, comunicação não violenta, educação

INTRODUÇÃO

A violência na escola tem se manifestado de formas novas e mais graves. A sua ocorrência nesse espaço deixa a impressão de que no mundo moderno não há mais respeito, nem limites dentro do ambiente escolar, quer público ou privado (CHARLOT, 2002). O contexto de violência nos quais as crianças e adolescentes convivem, tem repercutido na saúde mental destes. De semelhante modo, o bullying tem se revelado como comprometedor da saúde mental entre os estudantes que relataram solidão, insônia e não ter amigos (Mello et al., 2017). Diante disso, o tema construção da paz, precisa constar como pauta de discussões nos diversos cenários sociais, em contraposição aos contextos de violência que permeiam o existir. Para tanto, se faz necessária a construção de uma cultura que permita o crescimento e desenvolvimento saudáveis, considerando as crianças e adolescentes como protagonistas (Dupret, 2002). Neste sentido, a prática da comunicação não violenta (CNV) como promotora da saúde mental é uma possibilidade acessível e exitosa. A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Está pautada em quatro componentes: observação, sentimento, necessidades e pedido (Rosemberg, 2003). Desta forma trabalhar o desenvolvimento de habilidades que proporcionem melhores formas de interação/comunicação, possibilitará melhoria dos relacionamentos interpessoais e, consequentemente, atuará como fator de proteção à saúde mental. Esse trabalho teve como objetivo geral desenvolver propostas de comunicação não violenta como promotora de saúde mental de adolescentes de uma escola pública do interior da Bahia.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo permanente, utilizando a abordagem metodológica da Pesquisa-Ação, composta pelas seguintes etapas: conhecimento da realidade, planejamento das soluções possíveis, efetivação das ações planejadas sistematicamente, avaliação e identificação dos saberes adquiridos (Thiollent, 2011). Neste plano promovemos o

protagonismo de adolescentes através de rodas de conversa acerca do tema em questão, tendo como mediadora uma discente do ensino médio, na condução da atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos 56 desenhos-estória com tema, oriundos de duas turmas do 6º ano. Desses produções, 42 abordaram temas que retratavam situações favoráveis à saúde mental, destacando relacionamentos saudáveis. É importante salientar que a maioria dessas produções foram elaboradas por meninas. 14 produções abordaram temas desfavoráveis à saúde mental e foram elaboradas por meninos. Dos temas considerados favoráveis, destacamos relações amorosas, amor entre irmãos, amizades, relacionamentos familiares. Também emergiram desenhos envolvendo séries românticas, a exemplo de "Doramas". Entre as produções, destacamos a seguinte:

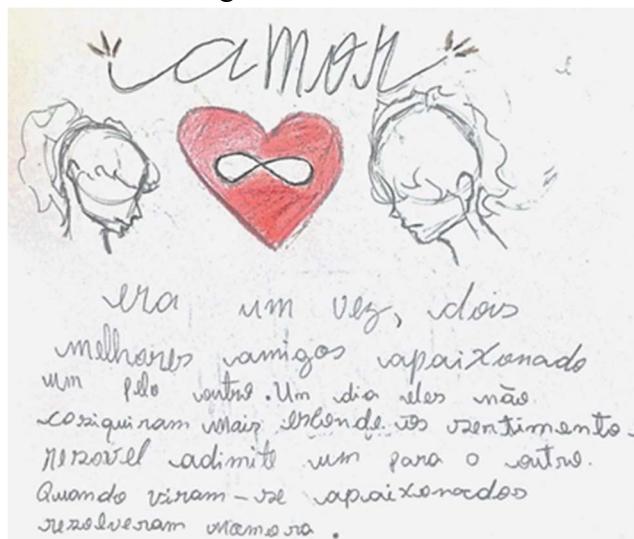


Figura 1: Desenho-história produzido por uma adolescente com o título “amor”.

Já nos temas desfavoráveis abordados emergiram agressão doméstica e parental; e, majoritariamente, a traição, tendo como desfecho tristeza, sofrimento e morte. É importante destacar algumas questões preocupantes que emergiram no compartilhamento das produções, a exemplo da conduta de celebridades frente à traição, do feminicídio como prática aceitável mediante a traição e da homofobia diante da explanação de um situação envolvendo dois adolescentes, demonstrando desrespeito à diversidade e exposição da intimidade dos envolvidos. Segundo Mongiovi e colaboradores (2018), a vivência da homofobia possui implicações sobre a saúde dos adolescentes, que acarreta sofrimento psíquico, adoecimento, dentre outras consequências. Essa constatação revela a presença da violência simbólica nos contextos dos participantes, considerando que as crenças que lhes são inculcadas no processo de socialização no contexto atual envolvendo cenários presenciais e virtuais, leva os adolescentes a se posicionarem no espaço social, seguindo os padrões e costumes do discurso (Bourdieu, 1983). Houve também desabafo pessoal de uma adolescente que, ao iniciarmos a atividade, declarou sentir-se triste pois o tema a lembrava da relação de seus pais, e mediante a isso, não conseguia pensar em relacionamentos sem associar a temática à violência que presenciou em seu ciclo familiar. Estudo desenvolvido por Hildenbrand (2015), revelou que a violência doméstica foi fator de risco para problemas de saúde mental nas crianças e adolescentes estudados, agravada

pelo uso preocupante de bebida alcoólica pelo responsável, ou este estar fora do processo produtivo.



Figura 2: Desenho-história produzido por um adolescente com o título “A traição que resultou em morte”.

Na estória, além de presença da traição, houve também homicídio, e pode-se observar na roda de conversa que na visão do adolescente e outros participantes, a relativização do feminicídio decorrente de uma traição é vista como algo justo e punitivo à mulher.

~~Esse não é só um amor de casal, é de todos. Porque só abraça quem~~



Figura 3: Desenho-história produzido por um adolescente.

A estória relata o sentimento de um garoto em consequência às agressões físicas, que posteriormente, apesar de não especificado no desenho-estória, o adolescente admitiu ser do pai com o filho. A depressão se apresenta como consequência da agressão física sofrida.

Ao término das oficinas, concluímos as atividades retomando os pilares da Comunicação Não Violenta (CNV): 1. observação; 2. sentimento; 3. necessidades; 4. pedido (Rosemberg, 2003); estimulando os adolescentes a destacarem como seria possível melhorar os relacionamentos. Neste momentos emergiram as possibilidades de ter uma

cabeça legal e relacionamentos saudáveis através da boa alimentação, amizades, praticar exercícios, escutar o outro, amor, Deus e respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos desenhos-estórias foi possível concluir que as meninas do estudo, em sua maioria, associaram a palavra “relacionamento” apenas a práticas saudáveis e favoráveis, e que ao contrário dos meninos, não demonstraram nenhuma violência aparente. Entretanto, é importante destacar, que a violência doméstica e intrafamiliar nem sempre emergiram nas produções, mas foram narradas em algum momento da atividade. Em contraste, os meninos foram majoritariamente autores dos desenhos considerados desfavoráveis, no qual em sua maioria retrataram a traição e a violência como punição ao ato, emergindo o feminicídio como possível desfecho. Alguns relatos orais dessas estórias de violência provocaram risadas de colegas da turma, demonstrando que além de normalizada em seu cotidiano, é vista como cômico ou plausível para esses adolescentes. Ademais, embora não abordado nos desenhos, é imprescindível destacar que a interação entre os colegas deve ser marcada de respeito mútuo. Algo que, infelizmente, carece. A sala de aula está repleta de calúnias e práticas de bullying, fato esse que dificulta sua convivência e bem-estar da turma. Essa situação pode vir a ser um reflexo de seu contexto familiar que apenas é refletido em outras esferas sociais. Portanto a difusão da Comunicação não violenta deve se constituir em uma prática frequente em atividades envolvendo esse público, como estratégia de desnaturalizar a violência como prática socialmente tolerada.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *Questão de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. 2002, n. 8, p. 432-443. ISSN 1517-4522.
- DUPRET, L. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 6, n. 1, p. 91–96, jun. 2002.
- HILDEBRAND, N. A. et al. Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 28, n. 2, p. 213–221, jan. 2015.
- MELLO, F. C. M. et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 9, p. 2939–2948, set. 2017.
- MONGIOVI, V. G.; ARAÚJO, E. C.; RAMOS, V. P. Implicações da homofobia sobre a saúde do adolescente. *Rev. enferm. UFPE* v. 12, n. 6, p. 1772-1780, 2018.
- ROSEMBERG, M. *Comunicação Não Violenta: técnica para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2003. Disponível em: <http://www2.ifam.edu.br/>
- THIOLLENT, M. *Pesquisa-Ação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 2011.